

História, literatura e (pós)colonialismo: política e gênero em *Condições Nervosas*, de Tsitsi Dangarembga (Zimbábue, décadas de 1960-1980)

Evander Ruthieri da Silva

Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

Recebido em: 05 nov. 2023

Aprovado em: 29 jan. 2024

Publicado em: 16 maio 2024

Resumo

O objetivo principal do artigo consiste em uma análise de *Condições Nervosas*, romance de estreia da autora zimbabuana Tsitsi Dangarembga. Publicado originalmente em 1988, narra a trajetória e a formação intelectual e subjetiva de Tambudzai (ou Tambu), uma jovem shona no interior rural da Rodésia (atual Zimbábue), na década de 1960, com ênfase nas oportunidades educacionais que almeja após a morte de seu irmão mais velho e nos conflitos ocasionados a partir do contato entre valores tradicionais africanos e elementos de modernidade, sobretudo no que diz respeito às relações familiares e de gênero. Ao longo da narrativa, Dangarembga contrasta as várias personagens que integram as vivências de Tambudzai, a exemplo de sua prima, Nyasha, e a tia Maiguru, que representam mulheres que conseguiram oportunidades de estudo e ascensão social, ainda que vivenciando conflitos ocasionados pelo contato com as culturas colonialistas. A análise do romance, a partir das interlocuções teórico-metodológicas acerca das relações entre História e Literatura, e com amparo nos estudos africanos, concentra-se na obra para investigar os processos de formação de subjetividades femininas na sociedade colonial no Zimbábue, com atenção à construção de espaços de protagonismo e agenciamento de mulheres shona em diferentes espaços sociais, e contrapondo essas questões a um contexto demarcado pelos debates políticos e conflitos ocasionados em torno da descolonização e consolidação da nação zimbabuana.

Palavras-chave: Literaturas Africanas. Zimbábue. Tsitsi Dangarembga. *Condições Nervosas*.

* Professor Adjunto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Departamento de História e Programa de Pós-graduação em História. Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná; graduado em História pela Universidade Regional de Blumenau. E-mail: evander.silva@unila.edu.br
 <https://orcid.org/0000-0002-5988-3739>  <http://lattes.cnpq.br/1809837136738718>

History, literature and (post)colonialism: politics and gender in Tsitsi Dangarembga's *Nervous Conditions* (Zimbabwe, 1960s-1980s)

Evander Ruthieri da Silva

Federal University for Latin American Integration
Foz do Iguaçu, Parana, Brazil

Received: 05th Nov. 2023

Approved: 29th Jan. 2024

Published: 16th May 2024

Abstract

The main objective of the article is to analyze *Nervous Conditions*, the debut novel by Zimbabwean author Tsitsi Dangarembga, originally published in 1988. The novel portrays the journey and intellectual and subjective development of Tambudzai (or Tambu), a young Shona girl in rural Rhodesia (now Zimbabwe) during the 1960s. It focuses on her aspirations for educational opportunities following the death of her older brother, as well as the conflicts that arise from the clash between traditional African values and elements of modernity, particularly in relation to family and gender dynamics. Throughout the narrative, Dangarembga contrasts the experiences of Tambudzai with various women, such as her cousin Nyasha and her aunt Maiguru. These characters represent women who have attained educational opportunities and social mobility, albeit while facing conflicts resulting from their encounters with colonial cultures. The analysis of the novel, drawing on theoretical and methodological frameworks exploring the relationship between history and literature, as well as African studies, focuses on Dangarembga's work to investigate the processes of forming female subjectivities in colonial Zimbabwe. It pays attention to the construction of spaces for women's agency and empowerment within different social spheres, while also addressing the political debates and conflicts surrounding decolonization and the establishment of the Zimbabwean nation.

Keywords: African Literatures. Zimbabwe. Tsitsi Dangarembga. *Nervous Conditions*.

* Professor at the Federal University of Latin American Integration, Department of History and Postgraduate Program in History. PhD and MA in History from the Federal University of Paraná; graduated in History from the Regional University of Blumenau. Email: evander.silva@unila.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5988-3739>

 <http://lattes.cnpq.br/1809837136738718>

Introdução

O objetivo principal do artigo concerne à investigação das relações e articulações políticas entre história e literatura a partir da produção literária e trajetória intelectual da cineasta e romancista zimbabuana Tsitsi Dangarembga (1959-), com destaque para a construção de narrativas em torno das relações de gênero contrapostos aos processos de colonização e descolonização, bem como a implementação de projetos nacionalistas na África Austral entre as décadas de 1960 e 2000. A ênfase incide sobre o romance *Condições Nervosas*, cuja problematização visa abordar a memória do colonialismo e dos processos de descolonização como fios condutores da investigação. Publicado pela primeira vez em 1988, *Condições Nervosas* remete seus leitores à década de 1960, poucos anos antes da independência do Zimbábue (chamado, no período colonial, de Rodésia do Sul ou apenas Rodésia). A narrativa é centrada em Tambudzai, jovem oriunda de uma família shona desterrada e empobrecida como consequência dos processos de exploração colonial. O romance apresenta as experiências individuais e coletivas de diversas mulheres que integram a trajetória de Tambudzai, a exemplo de Maiguru e Nyasha, respectivamente uma tia e prima de Tambudzai, mulheres que tiveram oportunidades de educação formal e vivenciam os contrastes e conflitos entre valores tradicionais e a cultura ocidental, entre a situação colonial e as práticas culturais ancestrais das comunidades shona.

Ao abordar as “condições nervosas” decorrentes do colonialismo, evidencia-se, no romance de Dangarembga, uma atenção especial às relações de poder e violências ambientadas num espaço doméstico, inter-relacionadas a um contexto político marcado pela expropriação de terras das comunidades nativas no Zimbábue, bem como a difusão de valores europeus/ocidentais como consequência da educação e ação missionária na África Austral, disseminando, por extensão, formas mais verticalizadas de relações entre homens e mulheres. Adicionalmente, e em particular por meio das personagens Tambudzai e Maiguru, Dangarembga vislumbra outras possibilidades de resistência, retratando-as como figuras que, ainda que por modos distintos, questionam as relações de poder e violência de gênero perpetuadas pelo colonialismo. Embora ambientado no período colonial, denota-se que o romance de Dangarembga estabelece uma relação crítica com o contexto de descolonização e crises no Zimbábue da década de 1980, em especial com a marginalização política e social de mulheres desde os primeiros anos de regime político autoritário dominado pelo *Zimbabwe African National Union – Patriotic Front (ZANU-PF)*, sob liderança de Robert Mugabe.

Dessa forma, a ênfase do artigo recai sobre essas personagens – Tambudzai e Maiguru – observando-as a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que dialoga com o campo dos estudos africanos e, mais especificamente, da historiografia africana e africanista; com os estudos de gênero e teóricos pós-coloniais; e com os debates acerca das relações entre história e literatura. Ao considerar a literatura como objeto cultural, o artigo intenciona

demarcar o caráter político do romance de Tsitsi Dangarembga, em especial nos seus diálogos críticos com contextos coloniais e perspectivas pós-coloniais, a partir da reelaboração da memória literária do colonialismo por meio das vozes de mulheres shona para, assim, questionar os processos de silenciamento e marginalização vivenciados em processos de colonização e no “pós-colônia”, termo associado às “trajetórias históricas das sociedades recentemente saídas da experiência da colonização, e da violência que envolvem as relações coloniais” (Mbembe, 2001, p.101).

Literatura e história em Tsitsi Dangarembga

Considerada como um dos principais nomes da chamada “terceira geração” da literatura africana contemporânea (Cf. Adesanmi; Dunton, 2005), a romancista e cineasta Tsitsi Dangarembga, nasceu em Mutoko, na Rodésia (atual Zimbábue) em 1959, em uma família de origem shona. Filha de pais professores, que atuavam em escolas missionárias, passou sua infância na Inglaterra, retornando para a Rodésia em meados da década de 1960, momento em que viveu em uma missão religiosa metodista na região de Mutare. No final da década de 1970, estudou Medicina na Universidade de Cambridge, porém largou o curso em decorrência do racismo e da isolamento, retomando seus estudos em medicina e psicologia nos anos 80, na Universidade de Zimbábue. Foi nesse período que iniciou sua inserção no campo da literatura e dramaturgia, escrevendo peças teatrais e contos (Cf.: George; Scott, 1993). Seu romance de estreia, *Nervous Conditions (Condições Nervosas)*, foi publicado em 1988, pouco antes de se mudar para a Alemanha onde estudou direção de cinema em Berlim: entre as décadas de 1990 e 2000, sua carreira centrou-se na escrita de roteiros e direção de filmes, a exemplo de *Neria* (1991), considerado um dos filmes de maior bilheteria no cinema zimbabuano. Em seus filmes, tais como *Kare Kare Zvako* (2004), Dangarembga discute questões como o corpo feminino com base em tradições orais shona (Cf. Veit-Wild, 2005). A partir da década de 2000, retomou a publicação de romances que encerram a trilogia de Tambudzai: *The Book of Not* (2006) e *This Mournable Body* (2018), além de uma coletânea de ensaios, *Black and Female* (2022).

Narrado em primeira pessoa pela protagonista Tambudzai e ambientado na Rodésia entre as décadas de 1960 e 1970, *Condições Nervosas* inicia-se com a morte do jovem Nhambo, ocasião que possibilita que sua irmã Tambudzai possa continuar seus estudos, ocupando, portanto, o lugar do irmão morto. De início, Dangarembga enfatiza a condição social da família de Tambu, e de seus pais, Jeremiah e Ma’Shingayi, caracterizando-os como grupos shona empobrecidos em decorrência da exploração colonial. Por incentivo de seu tio, Babamukuru, um homem assimilado pela cultura europeia, bem-sucedido e, por vezes, autoritário com outros membros de sua família, Tambudzai continua sua formação na escola missionária, aproxima-se de sua prima, Nyasha, e toma contato com a tia, Maiguru, as quais, em contato com a escolarização e pelas oportunidades educacionais na Inglaterra, buscam emancipar-se dos valores tradicionais e, sobretudo, da autoridade patriarcal. Posteriormente, Tambudzai é

aprovada nos exames de admissão em uma escola secundária religiosa, *Sacred Heart*, frequentado por meninas brancas, em um contexto marcado por “agressões explícitas e migroagressões institucionais, que se revelam como obstáculos adicionais ao tão estimado acesso ao conhecimento formal que sustenta a educação de base ocidental” (Quadrado, 2021, p. 91). Dessa forma, Dangarembga apresenta o processo de formação subjetiva de Tambudzai, enfatizando as “condições nervosas”: as angústias e ansiedades vivenciadas em uma situação colonial, em um constante questionamento de valores coloniais e patriarcais e na construção de formas de resistir e existir naquela sociedade colonizada.

De forma preliminar, convém demarcar que a fundamentação teórica do artigo dialoga, em linhas gerais, com o campo dos estudos africanos e, mais especificamente, da historiografia africana/africanista; com os estudos de gênero e teóricos pós-coloniais; e com as contribuições dos debates historiográficos a respeito das articulações conceituais entre história, literatura e memória. Nas últimas duas décadas, observa-se um processo gradativo de ampliação e renovação dos estudos africanos no Brasil. Um marco importante nesse contexto foi a aprovação da Lei 10.639 de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história africana e história e cultura afro-brasileira no sistema básico de ensino no Brasil, resultado cumulativo de décadas de demandas, especialmente por parte de ações coletivas dos movimentos negros, em torno da valorização dos legados culturais africanos e afro-diaspóricos na construção da sociedade brasileira e do combate à marginalização da história africana e afro-brasileira. As tendências recentes na historiografia africana e africanista, e nos estudos africanos, tem contribuído para “dessencializar a ideia da África como uma totalidade exótica e a-histórica, incentivando a busca por um paradigma que explique integralmente os problemas africanos, redimensionando debates candentes, como os que envolvem a ansiedade em torno das relações raciais” (Hernandez, 2015, p. 3), além de revisitar as temáticas africanas em discursos sobre a conformação de identidades nacionais em contextos de descolonização. Esses desdobramentos constituem um “momento expansivo” (Marques; Jardim, 2012, p. 31-62), que possibilita pensar, entre outras questões, as relações entre produções culturais, obras artísticas e debates políticos na contemporaneidade, sobretudo nos contextos marcados pelas lutas de libertação, descolonização e formação de nacionalismos na África austral.

De acordo com Florence Stratton (1994), especialmente até a década de 1990, os estudos acerca da literatura africana contemporânea ignoraram “o gênero como uma categoria social e analítica. Essas caracterizações operam de forma a excluir a expressão literária de mulheres como parte da literatura africana” (p. 1). Esse processo, diretamente relacionado aos debates acerca da formação dos cânones literários, das políticas de gênero e das marginalizações/invisibilizações de mulheres no campo intelectual, tem sido problematizado nas últimas décadas, principalmente pela crítica literária feminista, pela historiografia e pelos estudos de gênero. O debate envolve, como relembra Helen Chukwuma (2006, s/p.), um processo de lutas por “direitos, oportunidades, relevância e reconhecimento”. Assim, os estudos literários feministas, norteados por uma perspectiva histórica interseccional, tem promovido uma atenção redobrada à expressão literária de mulheres

africanas e afro-diaspóricas, pensando na sua escrita enquanto espaço de consolidação das suas subjetividades e experiências, e forma de resistência a preconceitos, marginalizações e invisibilizações. Ou, ainda, na construção de contra-narrativas aos projetos nacionalistas produzidos a partir da década de 1960 em diversas partes do continente africano, a exemplo do Zimbábue, que, por um lado, corporificavam a Nação como mulher e enfatizavam as mulheres enquanto “mães da Nação”, mas, paralelamente, delegavam as mulheres a posições subalternas no mundo social, cultural e político.

Dessa forma, segundo a crítica literária Obioma Nnaemeka (1997), o estudo da produção literária e intelectual de romancistas africanas na contemporaneidade envolve um olhar voltado às margens, para perceber, em perspectiva histórica, a construção de espaços de “poder, conhecimento e agência”, ainda que “marcados por contradições, ao reconhecer os dilemas inerentes à tessitura das histórias individuais e alegorias/mitologias coletivas, posicionando-as dentro de contextos nacionais” (p. 2). Ademais, a investigação e problematização das escritas e trajetórias de romancistas africanas – nesse caso, de Zimbábue – implica em pensar como os discursos de identidade nacional são “imaginados, localizados, gendricados [*gendered*] e politicizados”, simultaneamente problematizando binarismos como “tradicional/moderno” ou “agente/vítima” (*Ibidem*, p. 2-3), para também pensar as “margens” como possibilidades criativas (Cf. Kilomba, 2019). Portanto, trata-se de adotar um arcabouço teórico-conceitual que se atente às complexidades da ficção literária, seus entrelaçamentos com contextos históricos permeados por situações de gênero, classe e raça, nas quais se observa as interlocuções entre literatura e política, história e memória.

Essa perspectiva teórico-conceitual aproxima-se das considerações de Patricia Hill Collins (2019) acerca das epistemologias feministas afro-americanas: a compreensão das escritoras negras estadunidenses como ativistas, especialmente em contextos marcados por violências e opressões, responsáveis pela crítica e superação de estereótipos e marginalizações, sobretudo em situações coloniais e na “fixidez” do discurso colonial (Cf.: Bhabha, 1998). Dessa forma, em suas escritas literárias e produções culturais ou artísticas, imaginam e reimaginam outras possibilidades de ação e atuação, mormente em temas “como trabalho, família, política sexual, maternidade e ativismo político” (Collins, 2019, p. 401). A atenção especial incide sobre a literatura como um espaço de (re)elaboração das formas de lembrar e “enquadramento da memória” (Cf. Pollak, 1989), nesse caso, da experiência de mulheres africanas em contextos coloniais e de descolonização e na construção de posicionamentos críticos a discursos hegemônicos.

Além disso, percebe-se, especialmente na escrita de Tsitsi Dangarembga, uma aproximação com o que tem sido considerado como uma “literatura pós-colonial” no qual o conceito “pós-colonial”, longe de expressar certa linearidade temporal ou a total superação das estruturas de poder/violência associadas à colonialidade, possibilita “nos ajudar a descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização” (Hall, 2011, p. 101), e que permite, entre outros aspectos, na subversão

ou superação dos binômios colonizador/colonizado para refletir acerca de outras formas de relações de poder – e de marginalização, negociação, resistência – que emergem nestas conjunturas históricas. Ao abordar o papel da literatura como terreno da memória, a proposição de pesquisa aproxima-se também das discussões da historiadora nigeriana Nwando Achebe (2011) a respeito dos contextos sociais e comunitários de construção das formas de memória, sempre atrelados a uma complexa dialética entre lembrar e esquecer e, também, entre a palavra falada e a palavra escrita.

Enfim, como sumariza Obioma Nnaemeka (1994, p. 141):

Para compreender porque e como mulheres africanas escrevem, e o que escrevem, precisamos examinar o local específico no qual elas estão situadas; mas porque qualquer posição/local específico é circunscrito por realidades de gênero e limites culturais, nós precisamos primeiro revisitar a questão da marginalidade para reexaminar o lugar no qual mulheres são silenciadas e porque elas rompem com esse silêncio.

Este conjunto de referenciais teórico-metodológicos ainda se soma às perspectivas derivadas dos Estudos Africanos e, de forma mais específica, da História da África, ao considerar a literatura africana contemporânea como substrato para a inquirição de experiências sociais e políticas. O uso da literatura ou de fontes dotadas de literariedade pelos historiadores e historiadoras integra um momento de expansão dos aportes teórico-metodológicos do estudo da experiência humana ao longo do tempo, especialmente em contextos africanos contemporâneos. Afinal, como demarcou o historiador Joseph Ki-Zerbo (1972) já na década de 1970, em um período de renovação e ampliação dos quadros metodológicos na história da África, a investigação histórica dos passados africanos envolve a recuperação das “múltiplas fontes”, que “tomem em consideração todas as pistas humanas deixadas por nossos antepassados” (p. 24). Cabe, portanto, analisar a literatura a partir das suas “implicações estéticas e ideológicas” (Evaristo, 2009, p. 17), para reencontrá-la nos movimentos de seu tempo, nas suas redes de interlocução social e política, em especial nas práticas culturais relacionadas ao sentir, pensar e (re)lembrar o passado.

Dessa forma, de modo inicial, pode-se apontar aos processos de reelaboração da memória operacionalizados por Tsitsi Dangarembga ao narrar sua trajetória: em *Black and Female* (publicado no Brasil como *Preta e Mulher*), Dangarembga alude ao aspecto diaspórico de sua trajetória, especialmente ao se categorizar como uma “refugiada existencial. Encontro-me em estado de fuga desde que saí do útero, e provavelmente antes disso, considerando as circunstâncias em que nasci e o efeito delas em minha realidade pré-natal” (Dangarembga, 2023, p. 7). Nesse ponto, a romancista alude ao contexto político que associa ao início de sua trajetória: a continuidade de um regime colonial britânico no Zimbábue/Rodésia até o final da década de 1970. Como se sabe, a ocupação colonial do Zimbábue/Rodésia do Sul intensificou-se a partir das últimas décadas do século XIX, como consequência dos acordos estabelecidos

pós-Conferência de Berlim (1884-1885) e, sobretudo, pelas ambições colonialistas em explorar minérios, controlar terras para agricultura e uso da mão de obra negra na região. A expansão colonial na região envolveu emprego de forças militares, sobretudo para subjugar movimentos de resistência ao colonialismo, a exemplo da *chimurenga* na década de 1890.¹ Até meados da década de 1920, a administração particular da Rodésia ocorria por meio de regime de concessão (*royal charter*) à *British South Africa Company*, uma companhia de exploração e comércio fundada pelo “magnata da mineração”, o britânico Cecil Rhodes.

O avanço do colonialismo na região afetou estruturalmente diversas sociedades nativas, em especial as populações denominadas coletivamente de shona e ndebele, que, de modo geral, ocupavam respectivamente o norte e o sul do território da Rodésia como resultado de processos históricos de migração e deslocamento ao longo de vários séculos (Cf.: Mlambo, 2014). Conforme Abiodun Alao (2012, p. 14):

O processo de imposição de controle imperial sobre a região conhecida atualmente como Zimbábue conformava-se ao padrão seguido por outras posses coloniais na África, e envolvia duas fases. A primeira era a assinatura de um “tratado” com as autoridades locais, com o objetivo de comprometê-lo com a abertura de seu território ao mercado britânico e/ou aceitar o cristianismo em troca de armas e munição. Esses tratados eram frequentemente redigidos em inglês, língua pouco compreendida pelas autoridades locais. Isso significa que frequentemente precisavam lidar com traduções distorcidas. Quando ele se deparava com a desigualdade enraizada nesses tratados, e tentava repudiá-los, entrava em cena a segunda fase: geralmente uma guerra tratada de forma eufemística como uma “expedição”. No caso zimbabuano, a primeira fase foi o tratado de 1888 com Lobengula [chefe dos Ndebele], por meio do qual ele supostamente entregava todas as terras (mesmo aquelas fora de sua jurisdição) para Rhodes; a segunda fase ocorreu em 1896, na guerra contra os povos Shona e os Ndebele [*chimurenga*].

Além da perda de terras e de sua autonomia política, as sociedades shona e ndebele foram alvo da ação missionária, que produziu uma série de consequências adversas, dentre as quais, a difusão de valores europeus/ocidentais/cristãos e o esfacelamento de práticas culturais ancestrais: na perspectiva de Dangarembga (2023, p. 11), o missionarismo teve “o efeito salutar de domar a população africana do continente, tornando assim as pessoas mais

1 O termo *chimurenga* tem sido utilizado para se referir a uma série de movimentos de resistência ao colonialismo promovido por lideranças shona e ndebele na década de 1890. Posteriormente, o termo também foi apropriado para designar os movimentos de guerrilha na década de 1960-1970, especialmente de grupos nacionalistas como a ZANU e da ZAPU, envolvidos com as lutas de libertação na Rodésia (Zimbábue).

prontamente disponíveis para atender à necessidade de uma abundante oferta de mão de obra”. Como relembra Dangaremba, em meados das décadas de 1950-1960 a Rodésia do Sul continuava sendo uma colônia britânica, contudo, sob o regime de “auto-governo”, o que implicava na formação de uma administração colonial e política autônoma, a exemplo de seu próprio parlamento, composta majoritariamente por uma elite local formada por descendentes de europeus, e mantendo-se o direito da metrópole intervir “nos assuntos legislativos da colônia, particularmente no que diz respeito a assuntos ‘nativos” (*Ibidem*, p. 8).

Desde o início da década de 1930, a legislação colonial na Rodésia do Sul incluía a Lei de Distribuição de Terras, a qual dividiu a colônia em “áreas europeias, nativas, indeterminadas, florestais e não atribuídas”, além de proibir “os africanos de comprar terras em áreas designadas para europeus”, o que significava, na prática, que “aos africanos foi concedido o direito de comprar terras sem competição dos colonos em apenas 7% do país” (Dangaremba, 2023, p. 8). Nesse ponto, igualmente retomado em sua escrita literária, Dangaremba alude ao perfil colonial empregado pela administração britânica no Zimbábue, baseado na expropriação de terras e negação de direitos políticos e econômicos às populações negras, por meio de “estruturas sociais sustentadas sobre a dominação racial” (Alao, 2012, p. 15). Ao retomar as origens coloniais da questão de terras no Zimbábue, bem como os problemas gerados pela legislação racista e segregacionista (a exemplo da implementação dos sistemas de passes, o controle da mobilidade de populações africanas, a segregação urbana e, sobretudo, educacional), Dangaremba também tematiza “a principal causa da luta armada anticolonial do Zimbábue, que começou em abril de 1966, com uma batalha em Chinhoyi [...] e que durou até que um acordo entre os nacionalistas e o governo da Rodésia foi alcançado na Conferência de *Lancaster House* no final de 1979” (2023, p. 8). Desse modo, ao observar o contexto em que nasceu, Dangaremba (*Ibidem*, p. 12) o caracteriza como componente de uma “sociedade perversa, que me enxergava como essencialmente carente de humanidade plena, necessitada, mas nunca capaz, como resultado de ser um corpo preto, de atingir o status completo de humanidade”.

Assim, ao narrar de forma retrospectiva sua trajetória a partir da memória, Dangaremba destaca as marcas profundas deixadas pelo colonialismo e pelo racismo no Zimbábue, enfatizando os seus múltiplos deslocamentos: geográficos, por ter vivido parte de sua trajetória na Inglaterra (décadas de 1960-1970) e na Alemanha (final dos anos de 1980-1990); culturais, pelas suas origens familiares atreladas às culturas shona, e pela “mistura de colonialismo e religião que deu origem à cultura missionária na Rodésia do Sul” e “moldou as trajetórias de meus pais e as trajetórias de muitos outros africanos que foram influenciados pela vida missionária” (Dangaremba, 2023, p. 11); mas, acima de tudo, deslocamentos simbólicos, por estar em um constante “estado de fuga” do “reino maligno do imaginário que construiu primeiro a Rodésia colonial, depois a República da Rodésia e seu sucessor, o Zimbábue, militarizado e elitista” (*Idem*), remetendo-se, aqui, ao contexto pós-independência, marcado por um regime político autoritário, dominado pelo *Zimbabwe African National Union – Patriotic Front* (ZANU - PF), liderado por Robert Mugabe (1924-2019) entre 1980 e 2017.

Como se sabe, as lutas de libertação e processos de descolonização na Rodésia intensificaram-se a partir da década de 1960, especialmente pela formação de grupos nacionalistas africanos de oposição ao governo branco, sobretudo o *Zimbabwe African People's Union* (ZAPU), liderado por Joshua Nkomo, e seu rival, o *Zimbabwe African National Union* (ZANU), sob a liderança de Ndabaningi Sithole e, mais tarde, Robert Mugabe. Suas alas militares promoveram ações armadas com o objetivo de derrubar o governo da Rodésia, inclusive com apoio da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), grupo militar e político que havia se consolidado no poder em Moçambique após sua independência em 1974. A partir de 1976, a ZAPU e ZANU formaram uma aliança (ZANU - PF) e que, somado ao contexto internacional marcado por boicotes econômicos à Rodésia, levou a um processo de transição à independência, especialmente depois da *Lancaster House Conference*, entre 1979 e 1980 (Cf.: Brown, Sanders, 2006).

Nas eleições realizadas em fevereiro de 1980, a ZANU – PF venceu a maior parte dos postos na assembleia, o reverendo Canaan Banana tornou-se presidente e Robert Mugabe consolidou-se como primeiro-ministro. Após um período no qual o governo zimbabuano visou uma reconciliação entre os diferentes grupos políticos, um contexto de crise se intensificou ao longo da década de 1980, culminando em mudanças constitucionais que transformaram o Zimbábue em um estado de partido único, sob liderança de Mugabe como primeiro-ministro e, a partir de 1987, como presidente (*Idem*). Na perspectiva de Sabelo Ndlovu-Gatsheni (2015), esse momento foi marcado pela adoção de um programa nacionalista anticolonial – e não necessariamente decolonial – pelo governo zimbabuano, aprofundando estruturas de violência com base na ideia de que “o sucesso do nacionalismo africano depende na união, a qual precisa ser reforçada violentamente” (*Ibidem*, p. 8). A permanência de formas autoritárias de governo no Zimbábue, reproduzindo experiências da colonialidade, demonstra uma das principais características das “pós-colônias” (expressão de Achille Mbembe), isto é, o fato de que são marcadas por “múltiplas temporalidades formadas por descontinuidades, regressões, inércias e alternâncias que se sobrepõe e se interpenetram umas às outras, e encobrem umas às outras” (Mbembe, 2001, p. 14).

O contexto político pós-independência no Zimbábue foi marcado pela marginalização social e política de mulheres, em contraste com o discurso revolucionário empregado durante o processo de descolonização que previa a participação feminina na libertação nacional como precursora de um programa mais amplo de emancipação social e cultural: somado a funções de cuidado e amparo (como pelo fornecimento de alimentos), milhares de mulheres combateram nas forças guerrilheiras ao longo da década de 1970, no contexto das lutas de libertação do Zimbábue. Conforme demonstrou Kate Law (2021), a década de 1980 foi caracterizada por um senso de “desilusão e traição” por parte de muitas mulheres zimbabuanas, especialmente no contexto da “*Operation Clean-Up*”, no início da década de 1980, quando milhares de mulheres nas principais cidades zimbabuanas (Harare e Bulawayo) foram detidas de forma arbitrária pelo Estado sob a acusação de prostituição, mendicância e vadiagem, evidenciando “uma desconfortável coerência entre as lógicas de pensamento

colonial e pós-colonial no que diz respeito ao ‘lugar apropriado’ de mulheres no cenário urbano do país” (p. 251). Dessa forma, de acordo com Sabelo Ndlovu-Gatsheni (2013), a década de 1980, momento de consolidação da autoridade política da ZANU-PF sob a liderança de Mugabe, foi marcada pela adoção de um nacionalismo anticolonial, ao invés de um programa de descolonização com a capacidade de transformar radicalmente o novo Estado independente (p. 186).

Esses elementos pertinentes à trajetória de Dangarembga, tal qual recuperado a partir de elementos da memória em *Black and Female*, fornecem algumas chaves de leitura e interpretação de seu romance *Condições Nervosas*, em especial o lugar das relações de gênero, os agenciamentos femininos e as relações familiares em um contexto marcado, simultaneamente, pela força das tradições ancestrais shona, incluindo, aí, as relações de linhagem e parentesco, mas também pelas “zonas de contato” (Cf. Pratt, 1999) decorrentes do avanço do colonialismo e de valores ocidentais/europeus. Ademais, é preciso considerar que, apesar de a trama de *Condições Nervosas* ser ambientado em meados da década de 1960, em um contexto político e social profundamente marcado pelo colonialismo, sua escritura e publicação ocorreu na segunda metade da década de 1980, momento marcado pelo escalonamento do autoritarismo e da violência política promovida pelo governo zimbabuano. Em especial, durante a chamada *Gukurahundi*, entre 1982 e 1987, que resultou na perseguição, prisões arbitrárias e execuções em massa de aproximadamente 20 mil pessoas, sobretudo dissidentes e opositores do governo de Robert Mugabe, e sobretudo populações *ndebele*, nas províncias de Matabelelândia do Sul, Matabelelândia do Norte e Medialândia (Cf. Ndlovu-Gatsheni, 2012).

Sobre as “condições nervosas” do colonialismo

Na perspectiva de Charles Sugnet (1997), *Condições Nervosas*, de Tsitsi Dangarembga, constitui um “interessante e exitoso esforço de redefinir o [campo] político e rearticular as relações entre feminismo e nacionalismo anti-colonial” (p. 33). Contudo, de modo distinto a outros literatos zimbabuanos da década de 1980, que enfatizavam a *chimurenga* como um elemento fundacional para a libertação nacional – a exemplo de *Harvest of Thorns*, de Shimmer Chinyoda, ou *Bones*, de Chenjerai Hove – Dangarembga destaca os protagonismos e resistências de duas jovens mulheres, Tambudzai e sua prima Nyasha, diante do entrelaçamento das forças do colonialismo e do patriarcalismo. Assim, por um lado, a trajetória de Tambudzai refletiria os processos de cooptação/formação das elites nativas pelo governo colonial da Rodésia, afinal de contas, o romance acompanha as possibilidades educacionais e de ascensão social experienciadas por Tambudzai, na medida em que abandona a pequena propriedade rural e empobrecida de seu pai, Jeremiah, para continuar seus estudos em uma escola missionária, dirigida por seu tio, Babamukuru, e, enfim, estudar em uma escola secundária religiosa, *Sacred Heart*, frequentada, em sua maioria, por estudantes brancas.

Contudo, ao longo da trama, Dangarembga esmiúça a formação da subjetividade de Tambudzai e seu “despertar político” (Cf. M’bokolo, 2011) para as diferentes opressões vivenciadas por mulheres shona na sociedade colonial; ao invés de enfatizar episódios políticos recuperados pela memória das lutas de libertação no Zimbábue – a exemplo da fundação de organizações militantes como o *Zimbabwe African People’s Union* ou a *Zimbabwe African National Union*; as prisões de líderes anticoloniais como Robert Mugabe e Joshua Nkomo; ou os primeiros confrontos que marcaram a *chimurenga* em abril de 1966 – Dangaremba reorienta as forças políticas de seu romance “contra as manifestações imediatas do patriarcado” na vida de Tambudzai e de outras mulheres shona na narrativa (Sugnet, 1997, p. 34).

Portanto, ainda que distanciando-se dos nacionalismos zimbabuanos consolidados nas lutas de libertação e descolonização, o romance de Dangarembga evidencia uma aproximação com um nacionalismo anticolonial evidente em seu título: afinal de contas, *Condições Nervosas* é uma referência a excertos do texto introdutório do filósofo Jean-Paul Sartre ao ensaio político de Frantz Fanon, *Os condenados da terra*, considerando como um dos principais textos do pensamento anticolonial: “o indigenato é uma neurose [*nervous conditions*] introduzida e mantida pelo colono entre os colonizadores com o consentimento deles” (Sartre, 1968, p. 13). Nesse sentido, por um lado, Dangarembga, aproximando-se da proposta epistemológica de pensadores como Fanon, que enfatizam os aspectos subjetivos decorrentes do colonialismo, caracteriza seus personagens, e em especial seus personagens masculinos, como indivíduos produzidos pelo sistema colonial: um exemplo disso fica evidente no caso do pai da protagonista, Jeremiah, oriundo de uma família shona destituída de suas terras ancestrais como consequência do avanço da legislação colonial de terras; empobrecido e entregue ao alcoolismo: “você pode informar sua filha, Ma’Shingayi, que não temos dinheiro. Não temos dinheiro. E é isso” (Dangarembga, 2019, p. 33); tornando-se “tão obviamente impossível, [...] frustrado” (*Ibidem*, p. 50); agindo como uma espécie de “paródia” de valores tradicionais shona, especialmente o papel político e religioso dos chefes de linhagem, em especial ao anunciar o retorno de seu irmão, Babamukuru, “brandindo um bastão como se fosse a lança da vitória [...], saltando no ar e aterrissando em um joelho, levantando-se e saltando de novo e posando como um guerreiro infligindo o golpe mortal” (Dangarembga, 2019, p. 53).

As consequências profundas das “condições nervosas” de seu pai, Jeremiah, são tematizadas de forma contextualizada em um dos diálogos de Tambudzai com sua avó, a qual lhe dava “aulas de história” – não aquelas aulas “presentes nos livros didáticos”, e sim uma forma de narrativa do colonialismo a partir do ponto de vista do colonizado, destacando o momento em que “bruxos versados em traição e magia vieram do Sul, e forçaram o povo para longe daquela terra. Em burros, a pé, a cavalo, em carroças, as pessoas procuraram por um lugar para viver. Mas os bruxos eram avaros e gananciosos; havia menos e menos terra para o povo” (Dangarembga, 2019, p. 34). Dessa forma, ao resgatar elementos da transmissão intergeracional de formas de narrar o passado a partir das conversações entre Tambudzai e sua avó, Dangarembga tematiza um elemento central em sua narrativa: a memória do colonialismo, transmitida e atualizada por aqueles (e aquelas) que, na sociedade colonial, eram

invisibilizados e marginalizados de seus direitos políticos e acesso às terras ancestrais.

Mesmo que sem aludir de modo reiterado à temática, denota-se que os conflitos oriundos da colonização e a expropriação de terras estão, de fato, no cerne da narrativa, atuando como uma moldura para as circunstâncias socioeconômicas dos núcleos familiares shona retratados em *Condições Nervosas*: de modo alegórico, a avó de Tambudzai relata o processo de expansão colonial na Rodésia do Sul que, especialmente nas primeiras décadas do século XX, forçou a maior parte da população shona a migrar para as chamadas “reservas nativas”, isto é, terras mais pobres e infestadas de mosca tsé-tsé. Dessa forma, Dangarembga fornece elementos para a compreensão do contexto político e social formativo da personalidade de homens como Jeremiah, subjetivamente impactados pelo colonialismo, e condicionados a promover o sofrimento alheio, especialmente das mulheres em sua família.

Esses efeitos do colonialismo podem ser observados no comportamento de outros personagens da trama, a exemplo do irmão de Tambudzai, Nhambo e que, em contato com a educação missionária e com valores ocidentais, passa a depreciar suas origens sociais: logo no início do romance, a narradora descreve o modo como Nhambo “não gostava de viajar de ônibus, porque, ele dizia, era muito lento. Além disso, as mulheres cheiravam a odores reprodutivos insalubres, as crianças costumavam aliviar os intestinos irritados no chão, e os homens soltavam fortes aromas de trabalho braçal” (Dangarembga, 2019, p. 17). Por extensão, considerando-se como parte de um grupo social emergente e assimilado, Nhambo defendia que deveria ter “um ônibus especial [...] como os que eles tem pra os alunos que moram em Forte Victoria e Salisbury. Esquecendo completamente que essas eram cidades, centros urbanos”, enquanto a casa de sua família ficava “na área comum que circundava Umtali” (*Ibidem*, p. 34). Além disso, “toda essa pobreza começou a ofendê-lo, ou no mínimo a envergonhá-lo, depois que ele foi para a missão, de um jeito que não acontecia antes” (*Ibidem*, p. 23).

Esses e outros personagens no romance, e em especial os homens da família de Nyasha, parecem aproximar o romance de Dangarembga às perspectivas críticas de Frantz Fanon (2008) acerca da alienação produzida pelo colonialismo, observando-o como um processo violento e que, além de desumanizar o colonizado, lhe priva de seus valores próprios ou de seu passado, de modo que o “desejo de ser branco” – e, nesse caso, de recusa às identidades culturais shona – deriva da existência “em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça” (Fanon, 2008, p. 95).

Dangarembga também se aproxima da questão ao retratar o tio de Tambudzai e pai de Nyasha, Babamukuru: desde os primeiros capítulos do romance, Tambudzai lembra os êxitos de Babamukuru nas escolas missionárias e a bolsa de estudos que conseguiu para continuar sua formação na África do Sul e, mais tarde, na Inglaterra, tornando-se “um homem próspero e respeitado, com um salário bom o bastante para reduzir um pouco a miséria da família” (Dangarembga, 2019, p. 35). Entretanto, Babamukuru é apresentado como um homem autoritário e violento com outros membros de sua família, especialmente com sua esposa,

Maiguru, e a filha Nyasha. Um episódio que ilustra a violência de Babamukuru ocorre quando repreende Nyasha por voltar tarde de uma festa escolar, questionando, antes de espancá-la: “como você ousa me desgraçar desse jeito? A mim! Desse jeito! Não, você não vai fazer isso. As pessoas me respeitam nessa missão. Não posso ter uma filha que age como uma prostituta” (*Ibidem*, p. 135). Esse incômodo com a autoridade paterna/masculina fica evidente nos desabaços de Nyasha, logo após Maiguru abandonar o marido diante do sofrimento constante:

Vou dizer por que, Tambu – ela explicou – às vezes sinto que aquele homem me aprisiona, assim como a ela [Maiguru]. Mas agora que ela fez isso, agora que ela se libertou, eu sei que é possível, então eu posso esperar – e suspirou – Mas não é tão simples, sabe, sério, não é. Na verdade, o problema não é ele, sabe. Tipo, não é exatamente a pessoa. Está em tudo, em todo lugar. Então para onde você corre? Você é apenas uma pessoa, e isso está em todo lugar. Então, para onde você corre? Não sei, Tambu, sério, não sei (Dangarembga, 2019, p. 197).

Aqui, assim como alhures, as personagens de Dangarembga aludem ao caráter estrutural das relações coloniais na Rodésia/Zimbábue, em especial do seu impacto nas relações de gênero e na consolidação/reforço de relações violentamente hierárquicas entre homens e mulheres no âmbito familiar. Simultaneamente, a romancista alude aos sofrimentos vivenciados por mulheres como Maiguru e Nyasha que, a despeito de buscarem constantemente espaços de liberdade e autonomia, chocam-se com a autoridade do marido/pai. Conforme Sugnet (1997, p. 36), essas e outras passagens do romance demonstram o modo como *Condições Nervosas* apresenta personagens masculinos como “produtos do sistema colonial”: a percepção fica evidente no modo como Nyasha verbaliza no desfecho da trama sobre o lugar ocupado por Babamukuru, enquanto um homem assimilado naquela sociedade colonial: “ele é um bom menino, um bom preto. Um [nativo] bom pra burro – ela nos informou, em tom de desdém e sarcasmo” (Dangarembga, 2019, p. 225). Assim, a relação da protagonista, Tambudzai, com seu tio Babamukuru transforma-se de uma admiração inicial pelo seu prestígio e ascensão social, para uma frustração - em especial ao percebê-lo como parte do sistema colonial britânico, sobretudo pela sua relação com a escolarização ocidental e o missionarismo e, mormente na segunda metade do romance, o esforço constante em controlar violentamente Nyasha. Dessa forma, comparado às personagens femininas, Babamukuru está muito mais próximo do sistema colonial, tornando-se um “beneficiário material”, ou ainda oferecendo um “consenso coagido ao seu status como agente da hegemonia colonial”, recebendo, em troca “privilégios, recompensas materiais e segurança aparente” (Sugnet, 1997, p. 37).

Por outro lado, ao retratar esta “sociedade perversa” marcada pela colonialidade, Dangarembga igualmente vislumbra possibilidades e recursos de resistências, sobretudo por suas personagens femininas a exemplo da narradora Tambudzai, de sua prima Nyasha e da tia

Maiguru. Desde o início, Tambudzai mobiliza esforços para garantir “um teto todo seu”² (expressão de Virginia Woolf), isto é, as condições materiais e financeiras para avançar em sua escolarização, observando-a, retrospectivamente, não tanto como possibilidade de ascensão social ou assimilação pela sociedade colonial (como ocorre, por exemplo, com seu tio Babamukuru), mas como perspectiva de emancipação e construção de uma maior autonomia. Logo nos primeiros capítulos, ambientados em “dezembro de 1962”, Tambudzai, então com aproximadamente sete anos, decide trabalhar “na casa, nos nossos campos e em meu próprio terreno” (Dangarembga, 2019, p. 33) com o objetivo de plantar milhos e vendê-los em Umtali (atual Mutare) para custear seus estudos, amparada pela mãe e pela avó. Nesse sentido, ao considerar o potencial emancipatório da instrução formal, torna-se ainda mais potente a frase inicial do romance – “não lamentei quando meu irmão morreu” (*Ibidem*, p. 17) – visto que foi a morte que possibilitou que Tambu continuasse os estudos secundários em seu lugar. Além disso, o romance sugere “diversos mananciais de força para a resistência” das mulheres, em especial as diferentes redes de amizade e solidariedade consolidadas: a exemplo da amizade entre Tambudzai e Nyasha, a qual apresenta à prima recursos para questionar a “ideologia colonial de Babamukuru” (Sugnet, 1997, p. 39): ainda que fosse originalmente o “ponto de referência” de Tambudzai, gradativamente Nyasha se torna seu exemplo, com sua energia “às vezes tempestuosa e turbulenta, às vezes autoconfiante e serena”, transmitindo a “ideia de movimento, sempre se movendo e se esforçando para atingir um estado que ela já tinha visto e aceitado há muito tempo” (Dangarembga, 2019, p. 173-174).

Outros recursos de resistência podem ainda ser vislumbrados na relação de Tambudzai com a paisagem rural zimbabuana, em especial nas primeiras páginas do romance, nas quais ela remete às suas “memórias mais antigas” que evocam “o rio, as árvores, as frutas e os campos” (Dangarembga, 2019, p. 19) – estabelecendo uma relação entre autonomia individual e a liberdade desfrutada na primeira infância, isto é, em um período anterior à socialização e incorporação de valores ocidentais/europeus. Muito possivelmente, ao aludir a um espaço pouco afetado pela expansão do capital colonial, Dangarembga associava possibilidades de autonomia feminina ao resgate de formas tradicionais/ancestrais de organização social entre os shona – elemento reforçado pelas narrativas da avó de Tambudzai, que a relembra do fato de que antes dos “bruxos do sul” chegarem, moravam “em Chipinge, onde o solo é fértil, e seu bisavô era um homem rico na moeda daqueles tempos, com muitas cabeças de gado gordas, grandes pedaços de terra e quatro esposas que trabalhavam duro para produzir safras abundantes” (Dangarembga, 2019, p. 34). O recurso à ancestralidade parece permitir a Tambudzai outras forças para resistir às mazelas da sociedade colonial, afinal, como afirma sua

2 Em entrevista realizada em 2004, e publicada em uma re-edição de *Condições Nervosas*, Dangarembga afirmou que “*firstly, the novel was published only after I had turned to film as a medium; secondly, Virginia Woolf’s shrewd observation that a woman needs £500 and a room of her own in order to write is entirely valid. Incidentally, I am moving and hope that, for the first time since Nervous Conditions, I shall have a room of my own. I’ll try to ignore the bit about £500*”. (Dangarembga, 2004).

mãe no desfecho da trama, “não dava para esperar que os ancestrais aguentassem tanta mania inglesa” (*Ibidem*, p. 227), referindo-se aos processos de assimilação e difusão de valores e práticas culturais dos colonizadores, tal como o uso da língua inglesa em detrimento do chiShona.

O destaque também recai sobre a personagem Nyasha que, ao longo da trama, desenvolve um “comportamento *kamikaze*” (Dangarembga, 2019, p. 226) como forma de resistência e revolta diante da autoridade de Babamukuru. Em partes, o inconformismo de Nyasha deve-se ao fato de que sua mãe, Maiguru – uma mulher com ensino superior, financeiramente autônoma – submete-se ao papel tradicional de esposa diante de Babamukuru, que explora seu trabalho doméstico. Além disso, é por meio de Nyasha que o romance verbaliza, de forma mais explícita, as conexões entre a opressão feminina, a violência masculina socialmente legitimada e o sistema colonial. Sobretudo, a partir do momento em que Babamukuru insiste para que o casamento cristão seja implementado em sua família, de modo a substituir formas ancestrais de união e composição familiar: além de se interessar pelas “práticas de nossas avós e bisavós”, Nyasha alerta sobre “os perigos de presumir que os caminhos cristãos eram os do progresso” e conclui que: “já é ruim [...] quando um país é colonizado, mas quando as pessoas são colonizadas também! Esse é o fim, é o fim mesmo” (*Ibidem*, p. 170). Outras formas de resistência despontam mesmo ao ser agredida por Babamukuru, quando Nyasha “berrava e se retorcia e o atingia o máximo que conseguia” (*Ibidem*, p. 135). A revolta de Nyasha, contudo, também acarreta em sequelas emocionais características das “condições nervosas” aludidas no título do romance: ao final do romance, Nyasha encontra-se em um profundo estado de exaustão física e mental associada à anorexia.

Ao tematizar os fatores que levaram às suas “condições nervosas”, Nyasha enfatiza os impactos da colonialidade e as crises identitárias vivenciadas por homens e mulheres que, em processo de incorporação à sociedade colonial, são frequentemente “humilhados” (Dangarembga, 2019, p. 225). De modo distinto a Tambudzai, cuja formação possui um arraigamento maior na cultura ancestral shona, Nyasha encontra-se muito mais edulcorada pelas “manias inglesas”; os conflitos derivados da sua “inglesidade”, dentre as quais a resistência à rigorosas normas de gênero e sexualidade, além de uma recusa ao colonialismo, despontam com maior intensidade e agressividade. Dessa forma, a “condição nervosa” de Nyasha (e de outras personagens femininas em *Condições Nervosas*) resulta em um “mal-estar, uma performance que vem do não pertencimento e rejeição de estruturas opressoras que promovem enclausuramentos”, especialmente a “perpetuação da inferiorização do africano e do feminino” (Abinader, 2019, p. 87). Assim, ainda que de forma distinta de Tambudzai, Nyasha figura na trama como um exemplo de profunda inconformidade com as estruturas políticas e sociais derivadas do colonialismo na África Austral e que, a partir da disseminação de valores europeus/ocidentais, reiterou a subalternização e marginalização feminina, elementos ainda observados por Dangarembga no Zimbábue após sua independência política.

Considerações finais

Por meio de sua produção literária e ensaística, a romancista Tsitsi Dangarembga promoveu uma série de reflexões acerca da história e memória no Zimbábue, com ênfase nos impactos do colonialismo nas comunidades shona que, pelo menos desde o final do século XIX, passaram por processos de expropriação de terras, negação de direitos políticos e assimilação cultural como consequência da educação missionária. Por extensão, sua obra evidencia uma preocupação com as reverberações do colonialismo nas configurações familiares e nas relações de gênero, destacando, ainda, os protagonismos de mulheres silenciadas ou subalternizadas em contextos coloniais. Adicionalmente, ao lado de outras romancistas da chamada “terceira geração” da literatura africana contemporânea, Dangarembga também compartilha certa desilusão e discordância com os rumos das políticas nas “pós-colônias”, especialmente no caso zimbabuano, marcado por experiências de autoritarismo e violência política após sua independência na década de 1980.

Em *Condições Nervosas*, Dangarembga e sua narradora – a jovem Tambudzai – problematizam o enraizamento do colonialismo na sociedade da Rodésia/Zimbábue na década de 1960-1970, em especial nas relações fortemente hierárquicas entre homens e mulheres. Personagens como o pai e o tio de Tambudzai (Jeremiah e Babamukuru) representam na trama exemplos de autoridades masculinas cuja força deriva, sob muitos aspectos, dos papéis de gênero disseminados pelo colonialismo; simultaneamente, Dangarembga também evidencia o modo como eles foram diferentemente afetados pelo sistema colonial – pelo empobrecimento, no caso de Jeremiah; pela assimilação cultural, no caso de Babamukuru; ou pela alienação, em termos fanonianos, tal qual o irmão de Tambudzai. Por outro lado, Dangarembga também apresenta possibilidades de resistências na sociedade colonial, a exemplo da inconformidade de Nyasha ou dos diferentes recursos materiais e simbólicos evocados por Tambudzai ao longo de sua trajetória.

Referências

ABINADER, Bernardo Ale. O mal estar da clausura: pós-colonialismo, subalternidade e gênero em *Nervous conditions*, de Tsitsi Dangarembga. In: SOUZA, Maria Luiza Germano; BORGES, Thiago Roney Lira. *Literatura e cultura: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

ACHEBE, Nwando. *The Female King of Colonial Nigeria: Ahebi Ugbabe*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. *English in Africa*, v. 32, n. 1, p. 7-19, 2005.

ALAO, Abiodun. *Mugabe and the politics of security in Zimbabwe*. Montreal: McGill Queen's University Press, 2012.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BROWN, Richard; SAUNDERS, Christopher. Zimbabwe: Recent History. In: MAHER, Joanne (Org.). *Africa South of the Sahara*. Londres: Routledge, 2006.

CHUKWUMA, Helen. *Women's Quest For Rights: African Feminist Theory In Fiction*. [S. l.]: Forum on Public Policy, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. In: *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DANGAREMBGA, Tsitsi. *Condições Nervosas*. Trad. Carolina Faccion. São Paulo: Kapulana, 2019.

DANGAREMBGA, Tsitsi. *Preta e mulher*. São Paulo: Kapulana, 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

GEORGE, Rosemary Marangoly; SCOTT, Helen. An Interview with Tsitsi Dangarembga. *Novel: A Forum on Fiction*, v. 26, n. 3, p. 309-319, 1993.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

HERNANDEZ, Hector Rolando Guerra. Apresentação - Dossiê "Estudos africanos no Brasil". *Revista História: Questões & Debates*, v. 62, n. 1, 2015.

KI-ZERBO, Joseph. *Historia del Africa Negra*. Vol. 1. Madrid: Alianza, 1972.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAW, Kate. "We Wanted to be Free as a Nation, and We Wanted to be Free as Women": Decolonisation, Nationalism and Women's Liberation in Zimbabwe, 1979–85. *Gender & History*, v. 33, n. 1, p. 249-268, 2021.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra*. Vol. 2. Salvador: EdUFBA, 2011.

MARQUES, Diego Ferreira; JARDIM, Marta D. da Rosa. O que é isto: "a África e sua História"? In: TRAJANO FILHO, Wilson (Org.). *Travessias Antropológicas: estudos em contexto africanos*. Brasília: ABA, 2012.

MBEMBE, Achille. *On the Postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001.

MLAMBO, Alois. *A History of Zimbabwe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

NDLOVU-GATSHENI, Sabelo. Rethinking Chimurenga and Gukurahundi in Zimbabwe: A Critique of Partisan National History. *African Studies Review*, v. 5, n. 3, p. 1-26, 2012.

NDLOVU-GATSHENI, Sabelo. *Coloniality of Power in Postcolonial Africa: Myths of Decolonization*. Dakar: CODESRIA, 2013.

NDLOVU-GATSHENI, Sabelo. Introduction: Mugabeism and Entanglements of History, Politics, and Power in the Making of Zimbabwe. In: NDLOVU-GATSHENI, Sabelo (Org.). *Mugabeism? History, Politics and Power in Zimbabwe*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

NNAEMEKA, Obioma. From Orality to Writing: African Women Writers and the (Re)Inscription of Womanhood. *Research in African Literatures*, v. 25, n. 4, p. 137-157, 1994.

NNAEMEKA, Obioma. *The Politics of (M)Othering: Womanhood, Identity and Resistance in African Literature*. Londres: Routledge, 1997.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EdUSC, 1999.

QUADRADO, Lauro Iglesias. O romance de formação nervoso em Tsitsi Dangarembga. *Revista Interdisciplinar*, UFES, v. 36, p. 83-92, 2021.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

STRATTON, Florence. *Contemporary African Literature and the Politics of Gender*. London: Routledge, 1994.

SUGNET, Charles. Nervous Conditions: Dangarembga feminist reinvention of Fanon. In: NNAEMEKA, Obioma. *The Politics of (M)Othering: Womanhood, Identity and Resistance in African Literature*. London:

Routledge, 1997.

VEIT-WILD, Flora. Tsitsi Dangarembga's Film *Kare Kare Zvako*: The Survival of the Butchered Woman. *Research in African Literatures*, v. 36, n. 2, p. 135-138, 2005.